

# AS ANTINOMIAS DO DESENVOLVIMENTO: CULTURA E DEPENDÊNCIA EM CELSO FURTADO

*Antonio V. B. Mota Filho*<sup>1</sup>

Doutorando em História Econômica (UNICAMP)

vogaciano@gmail.com

## **Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo analisar algumas das formulações de Celso Furtado em que o autor se aproxima das chamadas teorias da dependência. Para tanto, buscaremos lançar luz sobre a mudança qualitativa ocorrida na obra de Furtado após o golpe de 1964 e o declínio do desenvolvimentismo cepalino na América Latina. Em nossa abordagem, o livro *O mito do desenvolvimento econômico* aparece como expressão mais precisa desse novo momento de Furtado. De forma a garantir uma exposição mais didática, dividimos nosso trabalho em quatro seções: uma pequena introdução; o golpe de 1964 e o início da crítica ao desenvolvimentismo; a síntese da teoria do subdesenvolvimento e da dependência e a conclusão.

**Palavras chave:** Desenvolvimentismo; Teorias da Dependência; Subdesenvolvimento; Cultura; Brasil.

**Key words:** Developmentalism; Dependence Theory; Underdevelopment; Culture; Brazil

---

<sup>1</sup> Economista, mestre em História Econômica (USP) e doutorando em História Econômica (UNICAMP).  
E-mail: vogaciano@gmail.com



## **1. Introdução**

As especificidades da formação da sociedade brasileira foram um tema recorrente nas ciências sociais do país, o que fica evidente na quantidade de ensaios publicados a partir da terceira década do século passado e que levam em seu título a palavra “formação” (ARANTES, 1997, pág. 11). Em comum a essas interpretações podemos destacar a sensação de que o país continha um amplo potencial (cultural, econômico e social) que era recorrentemente embotado.

A crise de 1929 e seus desdobramentos representam um marco na formatação da ideia de um “Brasil moderno”: por um lado, abala fortemente a economia cafeeira e por outro, abre espaço para uma ampla reestruturação do Estado e do capitalismo no país. Um exemplo disso é a “Revolução de 1930” que *“conseguiu romper com o enorme atraso acumulado e abrir um período civilizatório”* (SINGER, LOUREIRO, 2016, pág. 9).

As sementes lançadas com a Semana de Arte Moderna, o tenentismo e a criação do Partido Comunista Brasileiro, eventos que remontam a 1922, pareciam brotar e dar origem a uma *“atmosfera diferente, nova, de ampla ebulição cultural, política e social”* (IANNI, 1992, pág. 31). Em relação à economia nacional, é nesse contexto que ganha força a industrialização por substituição de importações e que se amplia a capacidade de intervenção econômica do Estado. A instalação da indústria pesada (siderúrgica e cimento), a criação de instituições estatais que coordenariam e regulamentariam as atividades econômicas e a formação de uma burocracia “weberiana” marcam esse período do desenvolvimento industrial brasileiro.

Esse embrião “desenvolvimentista” perde força com o governo de Eurico Gaspar Dutra, mas é retomado e aprofundado no governo Vargas (1950-1954) e Juscelino Kubitschek (1955-1960). A promessa do “desenvolvimento” era evidente no *slogan* de governo de JK: 50 anos em 5.

No entanto, já no começo dos anos 1960, a euforia em torno do “desenvolvimento” desfez-se em meio a uma profunda crise econômica e política cujo desfecho foi o golpe de 1964. O golpe deixou evidente os limites do “desenvolvimento”, da democracia e da ação do Estado burguês num país periférico.



## **As Antinomias Do Desenvolvimento: Cultura E Dependência Em Celso Furtado –**

**Antonio V. B. Mota Filho**

A imagem de País do futuro que, com respeito ao Brasil, se difundiu em todo o mundo a partir do livro de Stefan Zweig, e cuja fase mais brilhante foi alcançada com a inauguração de Brasília, referia-se a um País jovem, dotado de imensos recursos potenciais, com uma população em rápida expansão e uma cultura original e vigorosa – resultado da interação de valores europeus, africanos e ameríndios – orientada para a integração do homem moderno no meio tropical. Essa imagem contribuiu para ocultar outros aspectos da realidade de um País de recursos inaproveitados, em que a miséria de grande parte da população não encontra outra explicação que a resistência das classes dominantes e toda mudança capaz de por em risco seus privilégios (FURTADO, 1979, pág. 1)

Provavelmente nenhum outro cientista social brasileiro encarne de forma mais direta as esperanças no “desenvolvimento” e as frustrações com o golpe de 1964 do que Celso Furtado. Até 1964, Furtado havia se concentrado na construção de uma “teoria do subdesenvolvimento” e na formação de políticas que permitissem superá-lo. Após o golpe de 1964 e ao longo dos anos 1970, as formulações de Furtado se aproximaram da teoria da dependência<sup>2</sup>, particularmente de seu ramo weberiano representado por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto (MARTINS, 2009). Como veremos mais adiante, Furtado buscou realizar uma espécie de síntese da teoria da dependência com sua teoria do subdesenvolvimento em que se nota tanto certa influência do livro de Cardoso e Faletto, *Desenvolvimento e Dependência na América Latina*, quanto ideias originais acerca do papel que a cultura desempenha na reprodução da dependência.

O objetivo do texto é apresentar o percurso “dependentista” de Furtado. Para tanto dividimos nossa exposição em três seções além dessa pequena introdução: as bases da teoria do subdesenvolvimento, em que descreveremos como se deu a montagem dessa teoria e seus principais elementos; rumo a uma teoria da dependência, onde analisaremos suas primeiras tentativas formulações acerca da dependência; a síntese da teoria do

---

<sup>2</sup> É importante ressaltar que há diferentes perspectivas dentro da teoria da dependência. Em seu estudo sobre o tema, Theotônio dos Santos lista quatro elementos em comum às diferentes escolas dependentistas: “i) O subdesenvolvimento está conectado de maneira estreita com a expansão dos países industrializados; ii) O desenvolvimento e o subdesenvolvimento são aspectos diferentes do mesmo processo universal; iii) O subdesenvolvimento não pode ser considerado como a condição primeira para um processo evolucionista; iv) A dependência, contudo, não é só um fenômeno externo mas ela se manifesta também sob diferentes formas na estrutura interna (social, ideológica e política)” (DOS SANTOS, 2015, pág. 27).



subdesenvolvimento e da dependência, onde analisaremos elementos do livro *O mito do desenvolvimento econômico*; e a conclusão.

## **2. O golpe de 1964 e o início da crítica ao desenvolvimentismo**

Após o golpe de março de 1964, Furtado parte para o exílio no Chile, onde organizou um conjunto de seminários no Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômicos e Social (ILPES) vinculado à CEPAL. Ali, o autor pode perceber que avançava a passos largos a auto-crítica que a organização fazia de suas formulações iniciais acerca da industrialização periférica. Como afirma o Furtado:

As ideias sobre o desenvolvimento elaboradas em sua grande fase criativa (1949-1954) continuavam válidas, mas eram reconhecidamente insuficientes na abordagem de uma nova problemática que se fazia visível nos países que mais êxito haviam alcançado em seus esforços de industrialização. Era indubitável que a CEPAL elaborara uma teoria da industrialização periféricas, ou retardada. No centro dessa teoria, estava a idéia de que a progressiva diferenciação dos sistemas produtivos permitida pela industrialização conduziria ao crescimento auto-sustentado. Criado um setor produtor de bens de capital e assegurados os meios de financiamento – o que em boa parte competia ao Estado –, o crescimento se daria apoiando-se na expansão do mercado interno. Naquele momento, a aplicação dessas ideias tropeçava em dificuldades em mais de um país (FURTADO, 1991, pág. 28).

Dentre os participantes desses seminários, Furtado ressalta, dentre outros, Fernando Henrique Cardoso. Osvaldo Sunkel e Francisco Weffort, autores que, à sua forma, contribuíram para o desenvolvimento da teoria da dependência<sup>1</sup>. Durante esses seminários, Furtado trata de aprofundar elementos que ficaram apenas indicados nas formulações da CEPAL. Um exemplo disso seriam os aspectos políticos implícitos no esquema centro/periferia, que era também “*a única verdadeira teoria do imperialismo*” (FURTADO, 1991, pág. 33).

Outro aspecto que Furtado propusera para discussão nesses seminários – e que marcaria profundamente sua obra posterior – foi a forma como a industrialização periférica se baseou na reprodução de técnicas formuladas no centro do capitalismo<sup>3</sup>. Uma vez que no

---

<sup>3</sup> Para Bielschowsky: “*Entre os autores cepalinos, Furtado foi justamente um dos que demonstraram maior preocupação em apresentar com clareza a perspectiva estruturalista (...)É o caso do seu tratamento da*



centro as sociedades haviam alcançado maior homogeneidade, a sofisticação das técnicas respondia à necessidade de inovações técnicas que impulsionava o desenvolvimento capitalista. No entanto, transportadas para a periferia, seus impactos seriam diferentes por três motivos. Primeiramente, a tecnologia importada era intensiva em capital e não absorvia o excedente de mão-de-obra característico dos países subdesenvolvidos. Além disso, exigia altos níveis de investimento, o que pressionava o já baixo nível de poupança dos países subdesenvolvidos. Por fim, a indústria de bens de consumo durável difunde consigo os padrões de consumo dos países centrais, o que Furtado definiria como *modernização do padrão de consumo*<sup>4</sup>. Isso possui consequências culturais importantes.

Esse processo de modernização engendrava uma *dependência cultural* que condicionava a estrutura econômico-social. A industrialização tardia se realizava no quadro dessa dependência. Ao contrário a industrialização clássica, na qual a produção manufatureira assumia a forma de um fluxo de inovações e disputava os mercados à produção artesanal, na industrialização tardia o produto manufaturado local concorre com o importado, frequentemente de melhor qualidade. Daí que as técnicas utilizadas sejam, de alguma forma, predeterminadas. Por conseguinte, a dependência tecnológica não é mais do que um aspecto da dependência cultural (FURTADO, 1991, pág. 35).

Nota-se uma influência direta das formulações de Fernando Henrique Cardoso acerca dos empresários nacionais. Em carta a FHC de 2 de janeiro de 1967, Furtado menciona que fora convidado pela edição da revista *Temps Modernes* a preparar um número especial da revista sobre o Brasil. Ainda na carta, Furtado afirma que

Seria fundamental que você escrevesse um artigo sobre os empresários industriais no Brasil, ou a burguesia industrial brasileira, ou ainda outro título que você prefira. Trata-se, no fundo, de resumir em quinze páginas o que há de essencial no seu livro, incluindo alguns elementos quantitativos (FURTADO, 1967).

---

questão da 'heterogeneidade tecnológica'. A expressão só seria empregada a partir de meados dos anos 60 por Aníbal Pinto e outros autores cepalinos, mas antes Furtado já definia 'grau de subdesenvolvimento' como uma medida dessa heterogeneidade, dada pela relação entre a mão de obra ocupada nos setores 'pré-capitalistas' e a força de trabalho total. No mesmo texto, enfatizava a possibilidade de perpetuação do subdesenvolvimento, mesmo em meio à intensa industrialização, em função do uso de técnicas intensivas em capital em estruturas tecnológicas fortemente duais" (BIELSCHOWSKY, 2016, pág. 142).

<sup>4</sup> "Chamaremos de modernização a esse processo de adoção de padrões de consumo sofisticados (privados e públicos) sem o correspondente processo de acumulação de capital e progresso nos métodos produtivos" (FURTADO, 1981, pág. 81).



## As Antinomias Do Desenvolvimento: Cultura E Dependência Em Celso Furtado –

Antonio V. B. Mota Filho

Ao receber o capítulo de FHC, intitulado *Hegemonia e independência política: raízes estruturais da crise política brasileira* (CARDOSO, 1979), Furtado remete-lhe uma nova carta no dia 13 de maio de 1967 em que afirma que

O seu trabalho é extremamente sugestivo. Sendo essencialmente crítico, deixa a impressão de que você está preparando algo mais amplo. Talvez (sic) haja chegado o momento de rever todos os lugares comuns ditos sobre esses países de capitalismo reflexo. *Já seria esse um bom projeto para trabalharmos conjuntamente aqui* [em Paris].

Se levarmos em consideração que o ensaio *Dependência e desenvolvimento na América Latina* seria publicado em 1969 e que já em 1967 já circulava para discussão dentro do ILPES, é possível concluir que Furtado acompanhara de perto a montagem da teoria da dependência de Cardoso e Faletto<sup>5</sup>.

Em 1972, o autor publica seu livro *Análise do “modelo brasileiro”*, em que segue desenvolvendo sua análise sobre as especificidades do subdesenvolvimento. Dependência e subdesenvolvimento aparecem novamente intimamente relacionados, mas surge uma primeira tentativa de formalização da relação existente entre ambas as categorias. Numa nota de roda-pé o autor chega a afirmar que

Como uma primeira aproximação, pode-se definir dependência externa como a medida da incapacidade de coordenar, em função de objetivos nacionais próprios, as decisões dos agentes econômicos que comandam a incorporação do progresso técnico e a acumulação, em razão da inserção destes em grupos extranacionais (FURTADO, 1975, pág. 71).

É possível notar que a dependência "externa" seria uma situação mais ampla e que precede o subdesenvolvimento. De acordo com Furtado:

o subdesenvolvimento apresenta-se como uma situação de dependência estrutural, que se traduz por um horizonte estreito de opções na

---

<sup>5</sup> “Fernando Henrique Cardoso chegou a conclusão similar pela mesma época quando introduziu o conceito de ‘internacionalização do mercado interno’. (...) Cardoso tinha razão quando falava de ‘revolução industrial de novo tipo’, a qual conduzia não à autonomia de decisões, mas a formas mais complexas de dependência” (FURTADO, 1991, pág. 39).



## As Antinomias Do Desenvolvimento: Cultura E Dependência Em Celso Furtado –

Antonio V. B. Mota Filho

formulação de objetivos próprios e numa reduzida capacidade de articulação das decisões econômicas tomadas em função desses objetivos (FURTADO, 1975, pág. 15).

O autor retoma seu argumento de que o progresso tecnológico teria assumido duas formas principais: modificações nos padrões de consumo e transformações técnicas produtivas. Nos países desenvolvidos, essas últimas teriam desempenhado um papel mais relevante. Já nos países subdesenvolvidos, teriam predominado as modificações nos padrões de consumo, fenômeno que o autor denomina *modernização* do padrão de consumo. No entanto, dentro dessa explicação não entra a ideia de “dependência” propriamente.

Aos poucos é possível perceber que se insinua um questionamento sobre o próprio “desenvolvimento”. Furtado aponta que o próprio conceito de desenvolvimento é formulado tomando como referência os países capitalistas centrais: uma vez que as economias desses países se alterem, também se altera o padrão de desenvolvimento “a ser alcançado”. Logo, para o autor

*desenvolvimento*, passa a ser definido em termos de aproximação de um paradigma que, por definição é inalcançável, porquanto em transformação cada vez mais rápida. A experiência já demonstrou que, se se aumenta o esforço para andar mais rápido e reduzir a distância do alvo perseguido, a deformação estrutural se acentua, pois uma acumulação mais intensa em benefício de uma parte da população amplia o fosso que existe entre as condições de vida da minoria beneficiada e as da massa, fosso que é a essência mesma do subdesenvolvimento. Cabe inferir, portanto, que a melhoria efetiva das condições de vida da massa da população dos países do Terceiro Mundo, particularmente dos de grande dimensão demográfica, somente será alcançada por outros caminhos. A Índia nunca será uma Suécia de uma bilhão de habitantes, nem o Brasil uma reprodução dos Estados Unidos (FURTADO, 1975, pág. 77).

Esses temas ganhariam uma formulação mais precisa no livro *O mito do desenvolvimento econômico*<sup>6</sup>, cuja primeira edição é de julho de 1974.

---

<sup>6</sup> No ano letivo de 1973-1974, Furtado ocupara a cátedra Simon Bolívar na Universidade de Cambridge, voltada ao estudo das economias subdesenvolvidas. De acordo com Furtado: “*Do esforço intelectual que então realizei saíram O mito do desenvolvimento econômico, de 1974, Prefácio à Nova Economia Política, de 1976, Criatividade e dependência, de 1978, e Pequena introdução ao desenvolvimento, publicado em 1980*” (FURTADO, 1991, pág. 190). Em nossa opinião, *O mito do desenvolvimento econômico* condensa parte das ideias expressas nos demais livros.



### **3. A síntese da teoria do subdesenvolvimento e da dependência: *O mito do desenvolvimento econômico***

Curiosamente, ao contrário do livro de 1959, *O mito do desenvolvimento econômico* teve poucas edições, ainda que todas houvessem se esgotado rapidamente. No prefácio do livro, o autor alerta o leitor para a especificidade da obra

Os leitores que hajam se interessado por trabalhos anteriores do autor perceberão que existem diferenças entre a visão global da evolução recente do sistema capitalista, apresentada nestes ensaios, e algumas das ideias sugeridas em estudos escritos em 1967 e 1968 (...) (FURTADO, 1981, pág. 12).

Logo nos primeiros capítulos do livro, o autor logo expõe o tom crítico acerca do desenvolvimento que marca toda obra. O texto fora escrito no contexto da publicação do relatório *Os limites ao crescimento* do Clube de Roma publicado em 1972 e em que simulavam-se os impactos do crescimento econômico, particularmente a difusão do nível de consumo do centro do capitalismo nos países periféricos, e populacional sobre o meio ambiente. O autor afirma que a abundante literatura acerca do desenvolvimento econômico é um exemplo do papel central que os mitos desempenham nas ciências sociais

pelo menos noventa por cento do que aí encontramos se funda na ideia, que se dá por evidente, segundo a qual o desenvolvimento econômico, tal qual vem sendo praticado pelos países que lideraram a revolução industrial, pode ser universalizado (...) Essa ideia constitui, seguramente, uma prolongação do mito do progresso, elemento essencial na ideologia diretora da revolução burguesa, dentro da qual se criou a atual sociedade industrial (FURTADO, 1981, pág. 16).

Furtado logo se lamenta que nas complexas teorias pouco espaço tenha sido dedicado ao papel da cultura no desenvolvimento econômico, ou ainda sobre os desdobramentos do desenvolvimento sobre a vida cotidiana como a poluição e a deterioração dos serviços públicos (FURTADO, 1981, pág. 19). Dessa forma, o autor aponta que o Relatório contribui para aprofundar a relação entre meio ambiente e economia, mas possui importantes limitações teóricas, particularmente quanto a hipótese de que o nível de consumo da maioria da população dos países periféricos poderia atingir os níveis dos países centrais.



## **As Antinomias Do Desenvolvimento: Cultura E Dependência Em Celso Furtado –**

**Antonio V. B. Mota Filho**

Para discutir os limites dessa hipótese, o autor faz ampla discussão acerca do desenvolvimento e do subdesenvolvimento. O autor ressalta que o acesso ao seleto grupo de países desenvolvidos torna-se ainda mais difícil após a Primeira Guerra Mundial e que a dinâmica econômica própria de uma economia subdesenvolvida já não implicaria a construção de um sistema econômico nacional.

Em *O mito do desenvolvimento econômico* o autor aprofunda sua reflexão sobre a utilização do excedente econômico como aspecto central da diferença entre a dinâmica econômica do desenvolvimento e do subdesenvolvimento. Como aponta Mallorquin (2005, pág. 206), em *A economia brasileira e Dialética do desenvolvimento* Furtado já havia aprofundado sua análise acerca do excedente numa economia subdesenvolvida, mas essa temática só é retomada n’*O mito*. Para o autor, “*o que cria a diferença fundamental e dá origem à linha divisória entre desenvolvimento e subdesenvolvimento é a orientação dada à utilização do excedente engendrado pelo incremento de produtividade*” (FURTADO, 1981, pág. 26). Para o autor, nos países subdesenvolvidos, o excedente teria sido utilizado inicialmente em importações, por onde se engendra a tendência à dependência cultural e à modernização dos padrões de consumo, que se agrava quando se dá o processo de industrialização por substituição de importações realizado fundamentalmente por meio de subsidiárias de empresas sediadas nos países centrais.

Em seguida, Furtado analisa o grande poder econômico, e mesmo político, que os oligopólios haviam adquirido no capitalismo do pós-guerra. Com a integração econômica, grandes empresas transnacionais puderam expandir geograficamente suas operações, o que lhes permitiu influenciar diretamente nas economias de diversos países. Dessa forma, as grandes empresas combinam o elevado desenvolvimento técnico presente nos países centrais com o baixo custo da mão de obra dos países periféricos (FURTADO, 1981, pág. 50). Para o autor, isso representaria o declínio dos sistemas econômicos nacionais e surgimento de um sistema econômico integrado internacionalmente em que as grandes transnacionais assumem grande relevância.

No entanto, o autor afirma mais adiante que não foi a existência das transnacionais que gerou o subdesenvolvimento. Como nos referimos anteriormente, a destinação do excedente econômico é que representa o aspecto fundamental da definição da dependência e, em seu caso mais específico, do subdesenvolvimento. De acordo com o autor: “*o que importa não é o controle do sistema de produção local por grupos*



## **As Antinomias Do Desenvolvimento: Cultura E Dependência Em Celso Furtado –**

**Antonio V. B. Mota Filho**

*estrangeiros e sim a utilização dada àquela parte do excedente que circula pelo comércio internacional” (FURTADO, 1981, pág. 84).*

Furtado reconhece que essa nova configuração do capitalismo está intimamente vinculada à projeção econômica e política dos Estados Unidos no pós-guerra. Dessa forma, os países capitalistas foram postos sob tutela americana – ainda que caibam níveis diferentes de autonomia para os estados nacionais (maior no centro e menor na periferia) – particularmente por meio dos instrumentos criados pelos acordos de Bretton Woods. Para Furtado: “*criou-se, assim, uma superestrutura política a nível muito alto, com a missão principal de desobstruir o terreno ali onde os resíduos dos antigos estados nacionais persistiam em criar barreiras entre os países*” (FURTADO, 1981, pág. 37).

Após expor esse cenário tão desolador, Furtado expõe as possíveis opções que restaram aos países periféricos para superá-lo. O impacto do choque do petróleo de 1973 é evidente nas formulações de Furtado nessa obra. Uma vez que boa parte dos países exportadores de petróleo eram periféricos, o aumento do preço do barril tinha um duplo impacto: fortalecia geopoliticamente a periferia e transferia recursos dos países centrais para a periferia. Levando em consideração a evolução recente do capitalismo, o autor conclui que

parece inegável que a periferia terá crescente importância nessa evolução, não só porque os países cênicos serão cada vez mais dependentes de recursos naturais, mas também porque as grandes empresas encontrarão na exploração de sua mão de obra barata um dos principais pontos de apoio para firmar-se no conjunto do sistema (FURTADO, 1981, pág. 60).

Ou seja, a maior relevância dos recursos naturais e o tamanho da força de trabalho empregada nas transnacionais fortaleceriam o poder de barganha dos países periféricos na tentativa de realizar mudanças no sistema econômico internacional. Para tanto, seria importante que os respectivos Estados nacionais fossem capazes de dirigir e coordenar o esforço econômico e social necessário para superar o subdesenvolvimento, inclusive por meio de ações concertadas internacionalmente.

A utilização de reservas de recursos naturais como um instrumento de poder pelos estados periféricos requer uma articulação entre países que de nenhuma forma é tarefa fácil. Mas que essa articulação se esteja



## As Antinomias Do Desenvolvimento: Cultura E Dependência Em Celso Furtado –

Antonio V. B. Mota Filho

realizando, com evidente êxito no caso do petróleo, constitui indicação da sofisticação considerável que estão alcançando as burocracias que estão controlando esses estados (FURTADO, 1981, pág. 64).

Para Furtado, a experiência da elevação concertada do preço do petróleo poderia ser de base para um aumento do valor dos salários pagos na periferia, algo que o autor via como o “*caminho que, mais cedo ou mais tarde, os países periféricos terão que avançar para apropriar-se de uma parcela maior do fruto da própria força de trabalho*” (FURTADO, 1981, pág. 67). No entanto, esse maior excedente apropriado pelos países periféricos teria de ser canalizados “*em um processo cumulativo visando a modificar a estrutura do sistema econômico no sentido de uma crescente homogeneização*” (FURTADO, 1981, pág. 68)<sup>7</sup>.

Pode-se notar que a questão de fundo de Furtado nessa obra é saber se os países periféricos ainda teriam condição de articular um projeto de desenvolvimento que não fosse conduzido pelas grandes empresas transnacionais e que, portanto, pudesse ser planejado a partir das necessidades econômicas e sociais dos próprios países periféricos. Ainda que o autor não negue essa possibilidade, a análise desenvolvida na obra nos leva a conclusão que ela é cada vez menos provável.

Visto dessa forma, o problema do subdesenvolvimento pode ser visto menos como uma questão quantitativa (como o crescimento do produto ou do investimento) e sim qualitativa: qual a finalidade do excedente gerado na economia? Reduzir o desenvolvimento a aspectos quantitativos esvazia essa questão. Furtado conclui o primeiro capítulo da obra afirmando que o

---

<sup>7</sup> As possibilidades abertas com o choque do petróleo marcaram as análises de Furtado acerca da Venezuela. Em julho de 1974 o autor encontrava-se em Caracas auxiliando na criação de um programa de pós-graduação destinados a preparar especialistas em política pública econômica (FURTADO, 1991, pág. 221). O então presidente venezuelano, Carlos Andrés Pérez, convidou Furtado a uma reunião com a equipe econômica do governo e solicitou que expressasse com franqueza sua opinião acerca das perspectivas do país. Em *Os ares do mundo*, pode-se notar que, para Furtado, em sendo coordenada com diferentes iniciativas, o aumento do preço do petróleo era uma oportunidade única para superar o subdesenvolvimento: “*os venezuelanos, parecia-me, dispunham potencialmente de recursos para quebrar os grilhões do subdesenvolvimento, mas será que saberiam utilizá-los?*” (FURTADO, 1991, pág. 222). A resposta de Furtado ao pedido de Pérez foi o texto *Notas sobre a economia venezuelana* de setembro de 1974 reproduzido parcialmente em *Os ares do mundo* e na íntegra em *Ensaio sobre a Venezuela* (FURTADO, 2008). Ali pode-se notar o mesmo tom que a superação do subdesenvolvimento era uma *possibilidade* histórica. Passados quatro anos, Furtado retorna à Venezuela e novamente faz-se notar o pessimismo quanto ao caminho recente da economia desse país: “*A única coisa certa era que a oportunidade de saltar por cima do subdesenvolvimento havia sido perdida*” (FURTADO, 1991, pág. 233).



## **As Antinomias Do Desenvolvimento: Cultura E Dependência Em Celso Furtado –**

**Antonio V. B. Mota Filho**

desenvolvimento econômico – a ideia de que os povos pobres podem algum dia desfrutar das formas de vida dos atuais povos ricos – é simplesmente irrealizável. Sabemos agora de forma irrefutável que as economias da periferia nunca serão desenvolvidas, no sentido de similares às economias que formam o atual centro do sistema capitalista. Mas, como negar que essa ideia tem sido de grande utilidade para mobilizar os povos da periferia e levá-los a aceitar enormes sacrifícios, para legitimar a destruição de formas de culturas arcaicas, para explicar e fazer compreender a necessidade de destruir o meio físico, para justificar a dependência que reforçam o caráter predatório do sistema produtivo? (FURTADO, 1981, pág. 75).

Uma vez apresentada essa dura crítica ao conceito de desenvolvimento econômico, Furtado se dedica a formalizar de maneira mais precisa seu conceito de dependência e sua relação com o subdesenvolvimento (FURTADO, 1981, pág. 77). O caminho que permite a Furtado articular essas categorias parte da constatação que

no estudo do subdesenvolvimento, não tem fundamento antepor a análise ao nível da produção, deixando em segundo plano os problemas de circulação, conforme persistente tradição do pensamento marxista. Para captar a natureza do subdesenvolvimento, a partir de suas origens históricas, é indispensável focalizar simultaneamente o processo de produção (realocação de recursos dando origem a um excedente adicional e forma de apropriação desse excedente) e o processo da circulação (utilização do excedente ligada à adoção de novos padrões de consumo copiados de países em que o nível de acumulação é muito mais alto), os quais, conjuntamente, engendram a dependência cultural que está na base do processo de reprodução das estruturas sociais correspondentes (FURTADO, 1981, pág. 80).

Aqui o autor apresenta de forma mais objetiva que elementos condicionam a dependência cultural: os processos de produção e circulação. A produção explica como é gerado e apropriado o excedente da economia e a circulação, a destinação desse excedente.

Furtado concentra sua análise na modernização do padrão de consumo, expressão mais evidente da dependência cultural. Esse fenômeno gera impactos sobre a dinâmica da economia subdesenvolvida, particularmente no momento quando ocorre sua industrialização. A modernização do padrão de consumo origina-se historicamente “*sob a forma de imposição dos padrões de consumo que somente podem ser mantidos mediante a geração de um excedente criado no comércio exterior*” (FURTADO, 1981, pág. 87). A partir do momento em que essas economias passam a produzir domesticamente os bens



## **As Antinomias Do Desenvolvimento: Cultura E Dependência Em Celso Furtado –**

**Antonio V. B. Mota Filho**

que anteriormente as classes dominantes importavam, as contradições da dependência e do subdesenvolvimento se exacerbam. Segundo Furtado:

a dependência, antes imitação de padrões externos de consumo mediante a importação de bens, agora se enraiza no sistema produtivo e assume a forma de programação pelas subsidiárias das grandes empresas dos padrões de consumo a serem adotados (FURTADO, 1981, pág. 89).

É importante ressaltar que, para Furtado, a questão central da dependência é a utilização do excedente na modernização do consumo da classe dominante. As transnacionais aprofundam esse problema, mas “*o controle local, ao nível da produção, não significa necessariamente menos dependência*” (FURTADO, 1981, pág. 90). Se o excedente gerado pela uma indústria nacional continuar sendo utilizado na mimetização do padrão de consumo dos centros capitalistas, a dependência segue existindo.

A combinação de uma indústria de bens de consumo duráveis fortemente intensiva em capital, cuja oferta será realizada pelas classes dominantes modernizadas, com uma situação de grande excedente de mão-de-obra tem como consequência a manutenção dos salários em níveis próximos ao nível de subsistência. Uma maior dotação de capital gera uma maior produtividade do trabalho que, combinada com a situação estrutural de baixos níveis salariais, aumenta o excedente apropriado pela classe dominante, o que lhe permite diversificar novamente seu consumo. Dessa forma, a própria dinâmica da economia subdesenvolvida gera concentração de renda. Como afirma Furtado:

a tecnologia incorporada aos equipamentos importados não se relaciona com o nível de acumulação de capital alcançado pelo país e sim com o perfil da demanda (o grau de diversificação do consumo) do setor modernizado da sociedade. Dessa orientação do progresso técnico e da conseqüente falta de conexão entre este e o grau de acumulação previamente alcançado, resulta a especificidade do subdesenvolvimento na fase de plena industrialização. Ao impor a adoção de métodos produtivos com alta densidade de capital, a referida orientação cria as condições para que os salários reais se mantenham próximos ao nível de subsistência, ou seja, para que a taxa de exploração aumente com a produtividade do trabalho (FURTADO, 1981, pág. 82).



## **As Antinomias Do Desenvolvimento: Cultura E Dependência Em Celso Furtado –**

**Antonio V. B. Mota Filho**

Furtado também desdobra sua análise acerca da dinâmica de uma economia dependente e subdesenvolvida para aspectos políticos de forma a captar a especificidade da relação entre as classes dominantes locais e as grandes transnacionais. A modernização do consumo faz com que as classes dominantes locais necessitem aumentar a exploração da classe trabalhadora para conseguir um maior excedente. As transnacionais transferem parte de sua produção para a periferia para diminuir seus “custos” de mão-de-obra. De acordo com Furtado:

o processo de colonização cultural radica originalmente na ação convergente das classes dirigentes locais, interessadas em manter uma elevada taxa de exploração, e dos grupos que, a partir do centro do sistema, controlam a economia internacional e cujo principal interesse é criar e ampliar mercados para o fluxo de novos produtos engendrados pela revolução industrial. Uma vez estabelecida esta conexão, estava aberto o caminho para introdução de todas as formas de “intercâmbio desigual”, que historicamente caracterizam as relações entre o centro e a periferia do sistema capitalista (FURTADO, 1981, pág. 85).

O fenômeno da modernização do consumo expõe as contradições inerentes ao subdesenvolvimento: os escassos capitais dos países periféricos são canalizados para indústrias cuja produção visa introduzir novos produtos para o consumo dos mais ricos. O consumo de massa opera de forma oposta: trata-se basicamente de difundir o uso de produtos já conhecidos (FURTADO, 1981, pág. 83).

Para Furtado, a dependência não necessariamente resultaria em subdesenvolvimento. O autor cita o caso do Canadá como um país em que o excedente gerado pelo aumento da produtividade da economia foi utilizado para financiar a modernização do consumo, mas que integra o centro do capitalismo. Para o autor

o fenômeno que chamamos de dependência é mais geral do que o subdesenvolvimento. Toda economia subdesenvolvida é necessariamente dependente, pois o subdesenvolvimento é uma criação da situação de dependência. Mas nem sempre a dependência criou as formações sociais sem as quais é difícil caracterizar um país como subdesenvolvido. Mais ainda: a transição do subdesenvolvimento para o desenvolvimento é dificilmente concebível, no quadro da dependência (FURTADO, 1981, pág.87).



A dependência se origina de um componente cultural exógeno que possui repercussões econômicas internas nas economias dependentes. Quando esse condicionante mais amplo se combina com os processos internos de exploração da força de trabalho origina-se o subdesenvolvimento. O subdesenvolvimento seria uma expressão de uma heterogeneidade estrutural: o capitalismo se difunde e desenvolve se imiscuindo nas estruturas sociais pré-existentes sem comprometê-las (FURTADO, 1981, pág. 94). A análise de Furtado nos permite compreender que essa heterogeneidade estrutural como expressão do desenvolvimento desigual do capitalismo, mas não como uma expressão de um desenvolvimento desigual *e combinado* (OLIVEIRA, 2003, pág. 13). Ou seja, para Furtado a difusão do capitalismo se daria *apesar* das estruturas sociais pré-existentes e não *junto* com elas.

É possível notar que Furtado introduz uma zona intermediária entre os países centrais/desenvolvidos e os países dependentes/subdesenvolvidos: os países dependentes/desenvolvidos. Podemos perceber certa convergência dessa formulação de Furtado com as conclusões de Cardoso e Faletto em *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. Nessa obra, os autores afirmam que desenvolvimento e dependência já não seria termos opostos, mas que seria possível “*incrementar o desenvolvimento e manter, redefinindo-os, os laços de dependência*” (CARDOSO, FALETTO, 2004, pág. 182).

Furtado sintetiza parte da sua teoria do subdesenvolvimento, formulada paulatinamente a partir dos anos 1960, com a teoria da dependência, particularmente aquela de Cardoso e Faletto. É evidente o pessimismo de Furtado ao afirmar que “*a transição do subdesenvolvimento para o desenvolvimento é dificilmente concebível, no quadro da dependência*”. O autor chega a levantar a hipótese de que seja

mesmo possível que ele [o subdesenvolvimento] seja inerente ao sistema capitalista; isto é, que não possa haver capitalismo sem as relações assimétricas entre sub-sistemas econômicos e as formas de exploração social que estão na base do subdesenvolvimento (FURTADO, 1981, pág. 94).

Contudo, logo em seguida o autor afirma que “*não temos a pretensão de poder demonstrar esta última hipótese*” (FURTADO, 1981, pág. 94). Dar esse passo implicaria



reconhecer a necessidade da superação do capitalismo. Ainda que Furtado se mostre duramente crítico ao capitalismo, sua teoria e sua *práxis* seguramente não são anti-capitalistas. A obra de Furtado, a exemplo do que ocorre com Max Weber, que desagua em interpretações pessimistas quanto ao futuro da humanidade e, em especial, dos países subdesenvolvidos dentro do capitalismo.

#### **4. Conclusão**

Como pudemos perceber, o golpe de 1964 é um marco no desenvolvimento teórico de Furtado. O otimismo desenvolvimentista de Furtado não lhe permitiu captar de forma precisa como a dependência se aprofundava junto com a industrialização dos anos 1950. Como sugere Wöhlcke, “*sua defesa de um capitalismo autônomo perpassa Formação Econômica do Brasil, uma obra que foi escrita no momento mesmo em que se impunha o capitalismo dependente*” (WÖHLCKE, 2009, pág. 469).

Após o golpe de 1964, a obra de Furtado assume contornos pessimistas e críticos quanto à possibilidade de superação do subdesenvolvimento. Em paralelo ao pessimismo e à auto-crítica quanto ao desenvolvimentismo, Furtado também desenvolve uma teoria da dependência de contornos muito particulares.

Ainda que compartilhe aspectos em comum com algumas interpretações dependentistas, Furtado inova ao concentrar sua atenção nos aspectos culturais que engendram a dependência. De acordo com Rodríguez:

A obra de Celso Furtado possui certo traço peculiar e distintivo. Diferentemente de outros estruturalistas latino-americanos, este autor aborda com amplitude o tema da cultura e estabelece uma conexão explícita entre cultura e desenvolvimento. Em sua visão do desenvolvimento se acha presente, por essa via, uma articulação harmoniosa dos vários componentes do todo social e de sua dinâmica (RODRÍGUEZ, 2009, pág. 407).

Ao longo dos anos 1980 a cultura seguiria sendo um dos principais objetos de reflexão de Furtado, como fica evidente em seu livro de *Cultura e desenvolvimento* (FURTADO, 1984) e na sua passagem pelo Ministério da Cultura durante o governo Sarney. No entanto, ainda que a introdução da cultura dentro do árido terreno da economia seja uma



## **As Antinomias Do Desenvolvimento: Cultura E Dependência Em Celso Furtado –**

**Antonio V. B. Mota Filho**

importante contribuição de Furtado, sua definição de “cultura” encontra-se num plano ideal, acima das classes sociais. De acordo com Sampaio Jr.:

Elevando a criatividade cultural à condição de categoria transcendental responsável pela transformação da sociedade, Furtado desvincula as decisões cruciais que definem o futuro da sociedade das contradições que impulsionam a luta de classes e que condicionam o seu devenir. Com este procedimento, a força motriz da história desloca-se da luta entre sujeitos históricos com interesses estratégicos irreconciliáveis para a luta entre atores sociais que se batem por valores discrepantes (SAMPAIO JR., 2008, pág. 33).

Além disso, mesmo as formulações acerca da dinâmica econômica do subdesenvolvimento e da dependência parece girar em falso em diversos momentos. Furtado assume que o desenvolvimento dependente realizado por meio da penetração das transnacionais limitou a autonomia dos centros de decisão nacionais, dentre os quais se destaca o Estado, mas aponta como alternativa de superação do subdesenvolvimento um amplo conjunto de medidas a serem tomadas por esse mesmo Estado que se sabe fragilizado. O próprio autor reconhece seguidas vezes que os Estados nacionais na América Latina seguidas vezes tem agido de forma a aprofundar a dependência econômica da região. Ou seja, a política econômica engendrada pelo Estado é solidária à ação das grandes empresas. Logo, o tipo de ação estatal que se encontra limitada é aquele que poderia impulsionar a ação da classe trabalhadora. O apoio econômico e jurídico do Estado ao capital segue sendo relevante. Como esperar que poderia sair de dentro do Estado o amplo conjunto de transformações necessários a romper com a dependência e o subdesenvolvimento?

O pressuposto de Furtado, a saber, da superação do subdesenvolvimento dentro dos marcos do capitalismo – nos moldes de um capitalismo “civilizado” na periferia – age como limitante de suas prolfucas interpretações sobre a origem e consequências do subdesenvolvimento e da dependência.

Frente a essa constatação, percebemos que um programa de ruptura com a dependência seria também um programa socialista, algo que Furtado reluta em aceitar. Dessa forma é



compreensível que as formulações do autor oscilem entre o “pessimismo e o idealismo” como o próprio autor expressa em *Os ares do mundo* (FURTADO, 1991, pág. 46). O pessimismo surge na obra de Furtado quando o autor se depara com os rígidos limites que a dependência e o subdesenvolvimento impõem à realização de suas formulações. O idealismo furtadiano representa o modo como mundo deveria funcionar para que de suas teorias finalmente brotasse o esperado desenvolvimento.

## **5. Referências**

- ARANTES, Paulo. *Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo*. In: ARANTES, Paulo; Otilia. *Sentido da formação*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 11-66.
- BAER, Werner. *Fortuna crítica de Formação Econômica do Brasil*. In: D’AGUIAR, Rosa Freire (org.). *Formação econômica do Brasil – Edição comemorativa aos 50 anos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 455-466.
- BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Formação Econômica do Brasil: obra-prima do estruturalismo cepalino*. In: ARAÚJO, Tarcisio; VIANNA, Salvador; MACAMBIRA, Júnior. *50 anos de Formação Econômica do Brasil*. Brasília: IPEA, 2009. p. 49-67.
- \_\_\_\_\_. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- BRASIL. *Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social. Síntese*. Brasília: Presidência da República, 1962.
- CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Hegemonia e independência política: raízes estruturais da crise política brasileira*. In: FURTADO, Celso. *Brasil: tempos modernos*. São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 77-109.
- \_\_\_\_\_. *Prefácio*. In: CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 7-12.
- COUTINHO, Maurício. *Fortuna crítica de Formação Econômica do Brasil*. In: D’AGUIAR, Rosa Freire (org.). *Formação econômica do Brasil – Edição comemorativa aos 50 anos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 519-544.
- D’AGUIAR, Rosa. *Apresentação*. In: FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009c.
- D’AGUIAR, Rosa (org.). *Essencial Celso Furtado*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Formação econômica do Brasil – Edição comemorativa aos 50 anos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



DOS SANTOS, Theotonio. *Teoria da dependência: balanço e perspectivas*. Florianópolis: Insular, 2015.

FURTADO, Celso. *Características gerais da economia brasileira*. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 7-38, dez, 1950.

\_\_\_\_\_. *A economia brasileira*. Rio de Janeiro: A Noite, 1954.

\_\_\_\_\_. *Uma economia dependente*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura (Serviço de Documentação), 1956.

\_\_\_\_\_. *A pré-revolução brasileira*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

\_\_\_\_\_. *Dialética do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

\_\_\_\_\_. *Subdesenvolvimento e estagnação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

\_\_\_\_\_. [Carta] 2 de janeiro de 1967, Paris [para] CARDOSO, Fernando Henrique. Santiago. Convite para escrever artigo para a revista *Temps Modernes*.

\_\_\_\_\_. [Carta] 13 de maio de 1967, Paris [para] CARDOSO, Fernando Henrique. Santiago. Elogio ao artigo enviado para a edição da revista *Temps Modernes*.

\_\_\_\_\_. *Um projeto para o Brasil*. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

\_\_\_\_\_. *Análise do “modelo” brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975 [1972].

\_\_\_\_\_. *A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

\_\_\_\_\_. *Brasil: tempos modernos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

\_\_\_\_\_. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 [1974].

\_\_\_\_\_. *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1983 [1967].

\_\_\_\_\_. *A fantasia organizada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. *A fantasia desfeita*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. *Os ares do mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. *O longo amanhecer*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *O capitalismo global*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. *As raízes do subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a Venezuela: subdesenvolvimento com abundância de divisas*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

\_\_\_\_\_. *Formação Econômica do Brasil*. In: D’AGUIAR, Rosa Freire (org.). *Formação econômica do Brasil – Edição comemorativa aos 50 anos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 41-343.

\_\_\_\_\_. *O Nordeste e a saga da Sudene*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009b.

\_\_\_\_\_. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009c



## As Antinomias Do Desenvolvimento: Cultura E Dependência Em Celso Furtado –

Antonio V. B. Mota Filho

\_\_\_\_\_. *O Plano Trienal e o Ministério do Planejamento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

IANNI, Octavio. *A idéia de Brasil Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

LEWIS, Arthur. *O desenvolvimento econômico com oferta ilimitada de mão de obra*. In: AGARWALA, A.N.; SINGH, S.P. *A economia do subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

LINS, 2014; LEONARDO MELO LINS 2014 - Racionalidade, criatividade e inovação na endogeneidade do desenvolvimento

LOVE, Joseph. *Crafting the Third World*. Palo Alto: Stanford University Press, 1996.

MALLORQUIN, Carlos. *Celso Furtado: um retrato intelectual*. São Paulo: Xamã, 2005.

MARTINS, Carlos Eduardo. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2009.

OLIVEIRA, Francisco. *A navegação venturosa*. São Paulo: Boitempo, 2003.

RODRIGUEZ, Octavio. *O estruturalismo latino-americano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ROSTOW, Walt. *Etapas do desenvolvimento econômico: um manifesto não-comunista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SAMPAIO JR., Plinio. *Furtado e os limites da razão burguesa na periferia do capitalismo*. **Economia Ensaios**, Uberlândia, v. 22, n. 2, p. 1-44, 2008.

SILVA, Ricardo. *Política e política econômica na crise do início dos anos sessenta: o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social (1963-1965)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1992.

SINGER, André; LOUREIRO, Isabel (org.). *As contradições do lulismo*. São Paulo: Boitempo, 2016.

SZMRECSÁNYI, Tamás. *Fortuna crítica de Formação Econômica do Brasil*. In: D'AGUIAR, Rosa Freire (org.). *Formação econômica do Brasil – Edição comemorativa aos 50 anos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 467-470.

WÖHLCKE, Manfred. *Fortuna crítica de Formação Econômica do Brasil*. In: D'AGUIAR, Rosa Freire (org.). *Formação econômica do Brasil – Edição comemorativa aos 50 anos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 455-466.